

“Revisitando etimologias e fraseologia” – três artigos importantes

Chie Hirose¹

Resumo: Comentários a três recentes artigos em que Jean Lauand discute (e corrige...) interpretações fraseológicas tradicionais de expressões muito utilizadas no Brasil: “bater papo”, “torcer”, “será o Benedito?” etc. Os artigos são: “Reavaliando a fraseologia I” <http://hottopos.com/rih36/index.htm>; “Reavaliando a fraseologia II” <http://hottopos.com/rih37/index.htm> e “Reavaliando a fraseologia III” <http://hottopos.com/convenit22/index.htm>.

Palavras Chave: fraseologia. falsas etimologias. português do Brasil. português como segunda língua.

Abstract: Comments and review to three recent articles in which Jean Lauand discusses (and proposes some corrections to) traditional phraseological interpretations of important Brazilian idioms: “bater papo”, “torcer” and “será o Benedito?” etc. They are: “Reavaliando a fraseologia I” <http://hottopos.com/rih36/index.htm>; “Reavaliando a fraseologia II” <http://hottopos.com/rih37/index.htm> and “Reavaliando a fraseologia III” <http://hottopos.com/convenit22/index.htm>

Keywords: phraseology. false etymologies. Brazilian idioms. portuguese as a second language.

O português brasileiro não é para principiantes

Quem, como eu, aprendeu o português somente ao iniciar a vida escolar – meus pais, imigrantes, falavam só japonês em casa – sempre teve mil curiosidades sobre as expressões ou gírias, que são imediatamente compreensíveis para os falantes nativos. Apareciam-nos como altamente enigmáticas fórmulas que os brasileiros “tiravam de letra” (?): por que no Brasil a gente “roda a baiana” quando fica “pê” da vida? Por que o brasileiro “fica passado”? (será esse o “passado” do passado histórico, ou de “passar” uma ponte, ou do ferro de passar...??)

Inicialmente *outsider* na comunicação escolar do ensino primário no, então famoso, Caetano de Campos, minha preocupação (quase angústia) era a de apoderarme, minimamente que fosse, do complexo código de comunicação que os colegas dominavam com tanta naturalidade e desenvoltura. Para além da dramática situação de ser a japonesa que tinha muitas vezes de se expressar por mímica (e sempre levava no bolso dois recados de emergência: “Professora, preciso ir ao banheiro urgente” e “Professora, quero vomitar” – este, felizmente, nunca foi realmente utilizado), naquele tempo ainda havia repetência frequente na primeira série...



¹. Doutora e Pós doutora pela Feusp. Mestre em Antropologia pela Universidade Federal de Hiroshima. Professora das Faculdades Integradas “Campos Salles”. Professora de Ensino Fundamental I da rede municipal de São Paulo.



Colegas do Magistério na época em que eu estava entrando no primário

Assim, embora uma parte de meu ser criança ansiasse pela transparência – o fascínio que sempre tive pelo (sério) lúdico da etimologia... – e intuísse a riqueza da criatividade semântica brasileira consubstanciada naquelas expressões, no Colégio eu tinha que me submeter ao pragmatismo de aprender o uso e pronto! Com o agravante de que nem em casa poderia esperar ajuda. Assim, eu tinha que me resignar a reprimir inúmeras dúvidas como a do, só para dar um exemplo, incompreensível uso da palavra “gostoso”, aplicável tanto para um sorvete, como para um banho ou um joguinho (sem falar no que uma vez tive que ouvir de um coleguinha no recreio: “Ó, japonesinha gostosa!”). Tudo isso é impensável na língua japonesa, na qual cada setor da vida (culinária, divertimento, bem estar etc.) dispõe de palavra própria e intransferível para o que é agradável.

Outro exemplo: levei muito tempo buscando explicações para o super enigmático “andar” brasileiro: *aruku*, andar no japonês é andar com os próprios pés, caminhar (e, quando muito, levar a vida para a frente), mas é impensável “andar a cavalo”, “andar de ônibus” etc. Neste último caso, após semanas de inquietação, tentei a interpretação de que eles falavam assim, porque no ônibus é necessário “andar” da porta até a catraca (naquele tempo chamada de “borboleta”)...

Claro que, na necessidade de aprender a ler, escrever e falar corretamente, nunca me atrevi a perguntar sobre as origens dos significados das frases para os professores ou colegas, pois imaginava ser algo óbvio para todos, menos para mim. E por ser tão evidente, pensava eu, não havia necessidade de explicações nas aulas ou nos livros didáticos.

Qual não foi minha surpresa, quando fui descobrindo, pouco a pouco, que a *ratio* de muitas dessas expressões, eram também totalmente ignoradas pelos brasileiros de língua materna (e avoenga...), que “passavam batidos” por elas. E eles não estavam “nem aí...” (aí, onde?) para a origem e a transparência dessas formulações: a língua é assim mesmo e isso basta. O importante era aprender a falar e escrever certo. Para isso temos a escola e as aulas de gramática.

Mas a linguagem não é um ser vivo? E as expressões, como todos os seres vivos, não nascem, crescem, se desenvolvem e morrem?

O Jornal da USP publicou (15-02-16) “Linguagem recupera aspectos esquecidos da existência” (<http://espaber.uspnet.usp.br/jorusp/?p=51001>), uma resenha do livro “Revelando a Linguagem” de Jean Lauand, professor da Feusp e da Umesp, que mostrou sugestivos exemplos de como a linguagem comum pode tornar-se transparente.

O mesmo autor oferece-nos agora um “prato cheio”: acaba de publicar três inovadores estudos sobre fraseologia, intitulados: “Reavaliando a fraseologia”, I, II e III, que podem (e devem...) ser lidos em <http://hottopos.com/rih36/index.htm>, <http://hottopos.com/rih37/index.htm> e <http://hottopos.com/convenit22/index.htm>, revistas que recolhem contribuições do XVII Seminário Internacional Cemoroc-Feusp (em parceria com IJI-Universidade do Porto, 02-05-2016, São Paulo).

No primeiro desses estudos, Lauand corrige as versões usuais sobre a origem das expressões: “torcer” (torcida, torcedor etc.) e “Será o Benedito?” e mostra também que as datações dessas formas são anteriores ao que se pensa. Oferece ainda pioneira explicação sobre o significado etimológico de: “bater papo”.

Lauand destrói com documentos a (até ontem) unânime versão de que “torcedor” teria sido termo cunhado por Coelho Neto em meados da década de 1910, referindo-se às socialites adeptas do Fluminense, que “torciam” as luvas enquanto o tricolor jogava... Diz Lauand:

Assim, o “Jornal do Brasil”, de 25-02-1905, ao contar a história de um Feitosa, que secretamente, querendo economizar na passagem, tenta convencer as filhas de que é melhor a família ir ao teatro de bonde e não de trem, alegando que o bonde é mais fresco, que o bonde “vae num instante” etc., o autor conclui: “(E o Feitosa) fica torcendo para que o *bond* a vir seja um 2ª. classe, que então o negócio fica em 200 réis por pessoa.”

Em “O Malho”, de 2 de julho de 1904, lemos que a concorrência “está torcendo” para que se interrompam as obras do “Theatro São Paulo”.

Em 1910, no clima de pânico pela passagem do cometa Halley (que, segundo o boato, iria envenenar todo o planeta), a página de humor (“- Estou torcendo para que todos desapareçam e fique só eu para negociar. – Com quem?...):



E em um incrível achado arqueológico faz a expressão recuar para o século XIX:

Em “O Paiz” (“a folha de maior tiragem e de maior circulação na America do Sul”), de 9 de junho de 1894, encontramos uma preciosidade: um artigo completo, assinado por J. Guerra (pseudônimo de Urbano Duarte de Oliveira, membro fundador da ABL) na seção “Humorismos”, sobre o torcer e o torcedor, de genial sagacidade.

HUMORISMOS.

Estou torcendo! É locução pittoresca, inventada pelo Manoel Joguinho e hoje generalizada (...).

Um amador de corridas *torce* para o seu cavallo vencer, embora elle venha em 4º. ou 5º. lugar. O frequentador de frontões *torce* afim de que o pelotar em que apostou ganhe a quiniela. O comprador de bilhetes da loteria *torce* para que a machina Fichet componha o seu numero.

A moça solteira *torce, torce*, até que certo rapaz louro a namore.

No bond, aquele sujeito que senta no ultimo banco *torce, torce*, até que a bella visinha da frente lhe lance uma olhadela...

Todos vivemos sempre a *torcer*, no intuito de conseguirmos qualquer coisa. [texto completo em: <http://hottopos.com/rih36/index.htm>]

Não serei a *spoiler* de revelar a concreta decifração da expressão “bate papo”, que por primeira vez encontra uma explicação convincente de seu significado originário. Nem o desmascaramento da falsidade das interpretações até ontem vigentes da expressão “Será o Benedito?”.

No segundo artigo, sempre se apoiando em revistas e jornais dos séculos XIX e XX, mostra como são muito antigas algumas expressões que julgamos recentes, como “bambambam” ou “brochar”, além de inúmeros termos chulos que se usam hoje, mas que já aparecem no fim do século XIX. Deixo essa “coleção” para o próprio artigo de Lauand (<http://hottopos.com/rih37/index.htm>). Recolho aqui, a título de amostra, as considerações do autor sobre duas gírias relativamente recentes: fofoca e paquera.

“Fofoca”, como sinônimo de “mexerico” (como nos famosos “Mexericos da Candinha” da “Revista do Rádio”), é de meados da década de 1950. Como de hábito, marchinhas de Carnaval promovem a nova palavra.

A “Última Hora” de 12-10-56 noticia: “(O compositor Gugu) tem uma nova bomba para o próximo reinado de Momo. A marchinha “Fofoca” com música também de Vicente Paiva [autor de ‘Sassaricando’, ‘Mamãe eu quero’ etc.]”.

“Fofoca” (a mesma?), foi uma das campeãs do carnaval de 1958, gravada por Cezar de Alencar.

O “Diário da Tarde” (24-5-58) de Curitiba, explica aos leitores o significado da nova palavra:

“Fofoca” é mais ou menos uma coisa assim: “- Você sabe da última? O Fortunato comprou carro novo. Levou também a Rutinha, aquela da lambreta azul. Engraçado! O danado do carro do Fortunato só dá de enguiçar em zona deserta. Já tem até lugar certo de ficar “manco”.

Isto é a “fofoca”. Uma palavra que vai acabar certamente na Academia de Letras. Desbancou o “disse-me-disse”, o “ouvi-dizer”, etc. É o velho mexerico em “maillot” de duas peças. Está mais em evidência do que batom em boca de vedette.

Coitadas das palavras! Como os políticos e as notas promissórias têm os seus altos e baixos. Hoje valem muito, amanhã não valem nada.

Vejam o triste caso de “mexerico”... [após décadas de glória, desbancado por fofoca]. (versão ampliada de artigo de “O Cruzeiro”, 15-03-58)

Paquera. Pouco posterior a fofoca é paquerar. “A Luta Democrática”, de 22-12-1957, traz uma coluna “Paquerando”, que pouco tem que ver com o atual paquerar: são só notícias futebolísticas normais e breves (“espreitando” o futebol).

E a “Última Hora”, de 19-01-1959, noticia um crime no qual as testemunhas afirmam:

“É uma mulher frustrada no amor” – disseram – “Solteirona e nervosa. Tem o hábito de ficar ‘paquerando’ todos os casais que vêm namorar aqui na Felipe Camarão”.

Como a palavra é desconhecida, o jornal esclarece:

“Paquerar”, na terminologia das jovens. é ficar olhando por trás das cortinas os arroubos amorosos dos casais.

O mesmo sentido de *voyeur*: em 31-07-63, o mesmo jornal traz em “Os bastidores do futebol”, os relatos sobre jogadores brasileiros, em um hotel de Caracas (onde tudo era caríssimo), fazendo furtivamente furinhos na porta do quarto da Paquita, para de noite “paquerar”: observar a atriz trocar de roupa sem ser notados...

Em 1965, após o uso de espreitar em geral, finalmente, o significado de “paquerar mulher em festas, festejos e festivais (...). Paquerar, escolhe daqui, escolhe dali, faz a abordagem, mete uma conversa (...)” (Stanislaw Ponte Preta – “Última Hora”, 4-10-65). Sentido que, a partir de então, torna-se dominante.

O terceiro estudo – <http://hottopos.com/convenit22/index.htm> – apresenta interessantes conjecturas sobre expressões como: “estar cheio de dedos”, “rodar a baiana”, “ficar passado”, “passar batido” e datações de “baita” como hiperbolizante antepositivo e a gíria “legal”, significando muito bom.

Além do conteúdo, os artigos são também uma aula de criteriosa metodologia no terreno perigoso da etimologia, tão fértil em “explicações” temerárias, infundadas e descabidas.

Além de leitora assídua dos estudos de linguagem do Prof. Lauand, tive o privilégio de tê-lo como professor desde a minha graduação na Feusp, na trajetória posterior, e, ocasionalmente, até hoje. Nessas aulas, uma e outra vez, os alunos temos podido nos deliciar com iluminações sobre as origens das palavras e frases, tão inesperadas quanto fundamentadas. Uma em especial que me marcou profundamente – e para a qual como aluna de graduação, dei uma modesta contribuição – foi a da tomografia realizada pelo, então jovem, Prof. Jean, sobre as formas de gratidão em diversas línguas. Emocionados, nós alunos, o vimos (vimos: nas aulas do Jean a

linguagem se torna visível...!) mostrar como na *Questão sobre a Gratidão* de Santo Tomás de Aquino encontravam-se três níveis dessa realidade antropológica, que correspondem às diversas formas de expressão de agradecimento em diversas línguas (http://hottopos.com/notand1/antropologia_e_formas_quotidiana.htm). E que o nosso “obrigado” situa-se no nível mais profundo desse sentimento humano. Juntos notamos (para mim um incrível maravilhamento) que também o japonês *arigatô* compartilha esse terceiro e radical nível antropológico.

Passadas três décadas, qual não foi minha indignação ao constatar um plágio dessas antigas ideias do Prof. Jean, por parte de um educador português, muito festejado nestas plagas tupiniquins... Verdadeira vergonha alheia! (Cf <http://www.jeanlauand.com/AntonioNovoa.html>)

Finalizando e resumindo este comentário sobre os três novos artigos de Jean Lauand, um último comentário. Em linguagem bem humorada o autor nos faz perceber que investigar a vida de nossas expressões nos leva a interagir, quando a gente menos espera, com nossas histórias, nossas culturas, nossas tendências, nossa gente, minha identidade brasileira. Hoje, entre os pedagogos, são muito frequentes (e justas) as críticas quanto ao inchaço de nossos conteúdos curriculares. Para além do conteudismo, Lauand nos faz ver um valor que não é devidamente cultivado nas escolas: o de “curtir” (Cf <http://hottopos.com/isle24/109-116Jean.pdf>), saborear as palavras! O que, talvez inesperadamente, nos leva ao encontro de nossa identidade pessoal e para o âmbito universal de falantes da língua!

Uma baita contribuição!

Recebido para publicação em 02-04-16; aceito em 25-04-16